



## *O dragão azul e o dragão amarelo*

No país do sol nascente, pelo vigésimo aniversário da sua coroação, o Imperador resolveu decorar a sala do trono do palácio com o mais belo biombo que alguma vez se vira. Convocou assim o pintor mais célebre do Império, que vivia numa gruta longe da cidade.

O artista dirigiu-se imediatamente à corte e o Imperador deu-lhe a conhecer o seu propósito: no biombo da sala do trono deviam figurar dois dragões, um azul e outro amarelo, para simbolizarem o poder do Império e a paz que tinha caracterizado o seu tempo de reinado. O pintor fez uma vénia e respondeu que pintaria dois dragões em seda preta, mas com uma condição: para o biombo ser tão belo como era vontade do Imperador, precisava de um tecido de seda, mas a seda teria de ser mais fina do que todas as sedas alguma vez tecidas.

— Vou retirar-me para a minha gruta — acrescentou o pintor — até que a seda seja tecida; assim terei tempo de me preparar para fazer a pintura dos dragões.

Em seguida, o pintor abandonou a corte e regressou à sua gruta, começando logo a trabalhar.

O Imperador ordenou que comesçassem imediatamente a fabricar a mais fina seda que alguma vez se vira. Mas o fabrico foi muito mais difícil do que o Imperador imaginara. Primeiro, foi preciso escolher meticulosamente os bichos-da-seda, porque os que até então tinham sido criados não podiam secretar uma seda assim tão fina como a que o pintor pedira. Os bichos-da-seda, tão cuidadosamente escolhidos, exigiam uma alimentação particularmente delicada, e as folhas da amoreira com que eram alimentados deviam ser seleccionadas com o máximo cuidado. Apesar de todas as precauções, apenas alguns dos casulos sobreviveram.

Muito tempo decorreu até se conseguir um número suficiente de casulos para obter a quantidade de seda necessária para o biombo do Imperador. Mas, naquele momento, surgiu uma nova dificuldade: a seda era tão fina que muito poucos tecelões se mostravam capazes de a tecer. Foi preciso apelar aos melhores artesãos do Império. Por fim, ultrapassou-se esta dificuldade e a seda destinada ao biombo acabou por ser tecida. Não havia memória de uma seda tão fina! E o Imperador ordenou que fosse pregada numa moldura de marfim.

Concluído o trabalho, o Imperador enviou um mensageiro para avisar o pintor de que a seda estava tecida e de que devia sem demora pintar os dragões. Mas o pintor pediu ao mensageiro que dissesse ao Imperador que ainda não tinha acabado de preparar o seu trabalho. Pedia-lhe então que esperasse. O Imperador, que já tinha esperado muito tempo até ser tecida a seda, não escondeu a sua decepção, mas lá acabou por compreender que o pintor queria preparar uma obra-prima, e esperou. Contudo, sempre que passava diante do biombo, perdia a paciência.

Um dia, não aguentando mais, enviou outro mensageiro para lembrar ao pintor a sua promessa. Este mandou dizer que, para aceder ao pedido do Imperador, ainda não seria capaz de pintar dragões dignos do mais belo biombo. Precisava, dizia ele, de continuar com os seus ensaios e pediu um novo prazo. Apesar da impaciência, o Imperador não teve outro remédio senão esperar. Mas o tempo ia passando e o pintor não dava sinais de vida. E, sempre que o Imperador passava diante do biombo inacabado, sentia crescer a sua irritação.

Um dia, no limite da paciência, enviou um novo mensageiro, ordenando-lhe que trouxesse o pintor à corte, a bem ou a mal. O pintor aceitou finalmente acompanhar o mensageiro. E, quando chegou diante do Imperador, disse-lhe por fim que já se sentia capaz de pintar os dragões. Mandou então que lhe trouxessem tinta amarela, tinta azul e dois grandes pincéis, e aproximou-se do biombo.

De uma pincelada, fez um traço amarelo; depois, outra pincelada, e fez um traço azul. Em seguida, pousou os pincéis e declarou que o trabalho estava concluído.

Mal soube da notícia, o Imperador, feliz por pensar que o mais belo biombo alguma vez visto iria finalmente ornamentar a sala do trono, precipitou-se para admirar a obra de tão célebre



pintor. Quando chegou diante do biombo, nem acreditava no que os seus olhos viam: apenas dois traços grossos, um azul e outro amarelo.

Convencido de que o pintor tinha querido troçar dele, ficou furioso. Mas, com toda a calma e um ar muito sério, o pintor disse que aqueles dois traços eram fruto de longos estudos levados a cabo durante anos e anos. Em seguida, fez uma vénia e quis retirar-se. Mas o Imperador, fora de si e convicto de que o pintor tinha estragado irremediavelmente a maravilhosa seda cujo fabrico levara tanto tempo e tinha exigido tanto cuidado, mandou prendê-lo.

O Imperador, encolerizado, não pregou olho naquela noite. Na escuridão, os dois traços, o azul e o amarelo, passavam e voltavam a passar diante dos seus olhos. Quando fechava as pálpebras, iam e vinham e pareciam ganhar dimensão e mover-se. E, para seu grande espanto, aqueles dois traços transformavam-se em dragões a lutar. E os dragões eram rápidos e possantes. O que mais o surpreendeu é que pareciam ter vida e mover-se, eram leves e fortes ao mesmo tempo. E aquela força, poder, grandeza e leveza estavam resumidos nos dois traços que o pintor tinha desenhado na maravilhosa seda.

Depois de uma noite em branco e de ter admirado os dois dragões que o pintor simbolizara, o Imperador decidiu descobrir o segredo do artista que tinha conseguido uma tal obra-prima. De madrugada, mandou selar o cavalo e, acompanhado pela sua guarda de honra, partiu em direcção à gruta onde o pintor trabalhara muitos anos antes de pintar os dois dragões no biombo.



A tempestade dificultou-lhes o avanço; a neve, o vento e o nevoeiro obrigaram-nos a voltar atrás. Mesmo assim, o Imperador ordenou que se fizessem de novo ao caminho. Ao fim de vários dias e noites de viagem, chegaram à gruta do pintor. Acenderam as tochas.

Ao entrar, o Imperador viu dois dragões pintados nas paredes: um era azul e o outro amarelo. Estavam desenhados com a maior exactidão. Distinguia-se cada escama, cada dente, e as narinas lançavam fogo. As cores eram o azul e o amarelo. Por baixo da pintura estava uma data: a do dia em que o Imperador tinha pedido ao pintor para começar a pintar o mais belo biombo alguma vez visto.

Ao lado desta pintura, uma outra, a de dois dragões, um azul e outro amarelo. Ao lado desta segunda pintura, uma terceira, depois uma quarta, uma quinta, uma sexta...

Todas as paredes da gruta estavam cobertas de pinturas que representavam dois dragões, um azul, outro amarelo. Todas as imagens estavam datadas, ano após ano.

À luz das tochas, o Imperador não conseguia desviar os olhos do trabalho árduo do pintor. As imagens sucediam-se às imagens, os esboços aos esboços. Mês após mês, o pintor ia simplificando a pintura dos dois dragões. Depois de uma longa sequência de dragões, o pintor traçara finalmente, nas paredes da gruta, os dois traços que pintara no biombo: um azul, outro amarelo. Naquelas duas últimas imagens estava resumido todo o poder dos inúmeros dragões que o pintor desenhara durante muitos anos nas paredes da gruta.

O Imperador reconheceu os dois dragões do biombo e deu-se conta que as duas últimas imagens não podiam de modo nenhum comparar-se às que as precediam. Ao olhar para as pinturas, o Imperador começou por ficar admirado, depois foi ficando cada vez mais alegre, até sentir, no final, um imenso júbilo. Depois de ter observado por uma última vez os dois traços, deu ordem imediata de selar os cavalos, pois queria regressar à capital. Tinha pressa de mandar libertar o pintor para o honrar e lhe agradecer, porque este lhe tinha permitido compreender o poder e o significado dos dois traços que simbolizavam os dois dragões.

O pintor foi posto em liberdade e o Imperador mandou colocar o biombo dos dois dragões na sala do trono.



Ré et Philippe Soupault  
*Dragon bleu, Dragon jaune*  
Paris, Père Castor Flammarion, 1995  
(Tradução e adaptação)